

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO – WOMEN’S
FILM FESTIVAL
15 de novembro de 2023

PANDORA’NIN KUTUSU / 2008
(“A Caixa de Pandora”)

Um filme de Yeşim Ustaoglu

Realização: Yeşim Ustaoglu / Argumento: Yeşim Ustaoglu, Sema Kaygusuz / Produção: Yeşim Ustaoglu, Muhammet Çakiral, Serkan Çakarer, Behrooz Hashemian, Setareh Farsi, Natacha Devillers, Catherine Burniaux, Michael Weber, Tobias Pausinger / Direção de Fotografia: Jacques Besse / Montagem: Franck Nakache / Música: Jean-Pierre Mas / Operador de Som: Bernd von Bassewitz / Mistura de Som: Bruno Tarrrière / Design de Som: Philippe Bluard / Design de Produção: Hassan F. Farsi / Produção Associada: Meinolf Zurhorst / Interpretações: Tsilla Chelton (Nusret), Derya Alabora (Nesrin), Övül Avkiran (Guzin), Onur Unsal (Murat), Osamn Sonant (Mehmet), Tayfun Bademsoy (Faruk) / Cópia: DCP, a cores, falado em turco, com legendas em inglês e com legendas eletrônicas em português / Duração: 114 minutos / Estreia Mundial: 6 de setembro de 2008, Festival Internacional de Toronto, Canadá / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Arquiteta de formação, Yeşim Ustaoglu é uma cineasta turca, amante de Bergman e Fassbinder, que, enquanto “experimentou reflexos” no campo da curta-metragem, em filmes muitas vezes autofinanciados, abriu o caminho, nos idos anos 90, para a novíssima geração de realizadoras no seu país. Conta, em entrevista concedida a Marian Evans para o Concelho da Europa (Eurimages), que “queria verdadeiramente ouvir a [sua] própria voz e, claro, explorar tudo o que tivesse a ver com o ser humano, a personalidade humana”, acrescentando: “Gosto muito de falar sobre mulheres também, personagens femininas fortes”. Temos em **Pandora’nin Kutusu** todos estes ingredientes: uma dinâmica relacional tensa, desenvolvida entre três irmãos (duas mulheres e um homem) em face de um tormentoso processo de envelhecimento de sua mãe, que rapidamente sucumbe à doença de Alzheimer.

A maneira como Ustaoglu desenha o espaço dramático é digna de uma antiga arquiteta, já que são várias as contiguidades nesta história, sendo a pobre senhora, cada vez mais dominada pela doença, a trave-mestra ou elemento de união entre os membros desta família desunida e em implosão. A idosa, interpretada por Tsilla Chelton, atriz (entretanto falecida) que aprendeu os princípios da arte interpretativa na trupe de Marcel Marceau, em Paris, encontra no neto rebelde uma espécie de “parceiro no crime” ideal: os dois, em suma, são como *misfits*, personagens deslocadas do seu meio. Ela, Nusret, à procura de um sítio onde possa passar os últimos dias da sua vida. Ele, Murat, desesperadamente à procura de algo ou alguém que lhe permita finalmente encontrar-se como pessoa. Trata-se de uma espécie de **Harold and Maude** (1971), de Hal Ashby, ambientado numa Istambul plúmbea, tomada por toda a ansiedade, falta de comunicação e sentimento geral de desesperança que caracteriza a vida nas grandes cidades. Nusret,

vinda do campo, é como uma estrangeira no seio desta família cindida. Este especto alude, a meu ver, a outra referência cinéfila: a obra-prima de Leo McCarey, **Make Way for Tomorrow** (1937), retrato implacável do não-lugar a que os mais idosos acabam votados quando, por razões financeiras ou de saúde, mais dependem da ajuda dos filhos.

Há um desabafo de Nusret, em face de uma das filhas, particularmente significativo: “Dar-te à luz foi tão difícil. Estavas presa a mim. E agora queres que toda a gente fique presa a ti.” As filhas preparam-se para a deixar (abandonar?) numa clínica quando Nusret, numa espécie de lampejo de clarividência, define, deste modo, a filha mais velha. Na verdade, todo o espaço dramático está atravessado por este falso desprendimento: todos querem ficar longe uns dos outros, mas todos precisam, desesperadamente, do amor uns dos outros. Murat quer levar a avó até à montanha, parecendo desenhar-se neste movimento de libertação, com o rapaz a “raptar” a avó da clínica, uma espécie de fábula *coming of age* que contém uma lição de vida, talvez imprevisível, celebratória de uma união profunda a estabelecer-se entre mais velhos e mais novos, entre avós e netos.

Luís Mendonça